

# TEMPO, MEMÓRIA E HISTÓRIA: A EXPERIÊNCIA NARRATIVA EM ANA TERRA, DE ERICO VERISSIMO

Katielli Chaves Antunes<sup>1</sup>  
Daniela Silva da Silva<sup>2</sup>

*Como o tempo custa a passar quando a gente espera!  
Principalmente quando venta...  
parece que o vento maneia o tempo.  
("Ana Terra", *O tempo e o vento*)*

## RESUMO

“Sempre que me acontece alguma coisa importante, está ventando”. A frase, proveniente do romance de Erico Verissimo, pertence à memória de Ana Terra e encontra-se na primeira parte d’*O continente*. Em virtude da singularidade narrativa conferida por Erico Verissimo à personagem Ana Terra, o capítulo fez tanto na trilogia de *O tempo e o vento* que mereceu um livro só para ela, por meio do qual analisamos a experiência do tempo, da memória e da história neste enredo. Pensando não apenas nesse dado, mas na importância histórica e ficcional da obra e, por sua vez, da personagem em questão, este trabalho trata do episódio que relata a trajetória de Ana Terra e suas transformações. Para emprendermos tal estudo, partimos do viés da filosofia de maneira a conciliar o tempo e espaço míticos e tempo e espaço históricos, de forma a desvencilharmos a dicotomia do real/irreal. Tais vinculações serão analisadas considerando os pressupostos teóricos do campo da História da Literatura, através de Maria Eunice Moreira e Hans Uric Grumbrecht, e da Teoria da Literatura, por meio de Hans Robert Jauss e Beth Brait. Em relação ao tempo, destacaremos para embasar a nossa pesquisa os filósofos Benedito Nunes e Paul Ricoeur, por tratarem com proximidade da problemática desta pesquisa. Nesse sentido, abordaremos, principalmente, o tempo da memória, o do narrado, bem como o do narrador.

**Palavras-chave:** narrativa, memória, história, ana terra.

### 1. No tempo, pelo vento

*O tempo e o vento*, obra cíclica que consagrou Erico Verissimo como escritor regionalista, demorou quinze anos para ser escrita em sua totalidade, e é composta por

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras Português e literatura, Universidade Estadual do Centro Oeste-UNICENTRO, Guarapuava-PR. E-mail: katielliantunes@hotmail.com

<sup>2</sup> Orientadora, Linha de Pesquisa: Literatura, memória e história. Doutorado em Linguística e Letras - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS. Professora do Departamento de Letras da UNICENTRO.

três livros: *O Continente* (2 volumes, 1949), *O retrato* (2 volumes, 1951) e *O arquipélago* (3 volumes, 1961-1962). Na trilogia, o enredo narra a história da família Terra Cambará desde os primórdios da sua formação, numa ação que percorre mais de um século e meio da história do Rio Grande do Sul e do Brasil, e, com isso, retrata episódios históricos do Estado Sulino. Através do estudo de “Ana Terra” propomos a reflexão acerca do entendimento, tanto pelo lado da narrativa quanto da ficção como histórica, se há unicidade do tempo.

Com o propósito de apresentar de que forma acontece a refiguração do tempo pela história e pela ficção, por meio dos empréstimos de cada âmbito narrativo, trabalharemos fundamentalmente com “Tempo e narrativa” (2010), de Paul Ricoeur, que já de início nos diz que:

Esses empréstimos consistirão no fato de que a intencionalidade histórica só se dá incorporando à sua perspectiva os recursos da *ficcionalização* que remetem ao imaginário narrativo, ao passo que a intencionalidade da narrativa de ficção só produz seus efeitos de detecção e de transformação do agir e do padecer assumindo simetricamente os recursos de *historicização* que lhe oferecem as tentativas de reconstrução do passado efetivo (RICOEUR, 2010, p. 173).

Dessa forma, nosso objetivo principal é aliar os estudos filosóficos acerca do tempo àqueles do âmbito da narrativa, pois, de acordo com Paul Ricoeur em *O si mesmo como o outro* (1991), resenhado por Daniela Silva, “parece ser o tempo um dos principais fatores, o qual deve ser considerado na compreensão das identidades” (SILVA, 2008, p. 103), visto que, passamos pela construção da personalidade narrativa de Ana Terra. Além de que a “narrativa concentra e se constitui como um espaço de convergência temporal é ela o ponto de partida para começar a pensar a questão” (idem, p. 103) da configuração da personagem em que concentramos nosso estudo.

Neste trabalho, colaboramos com a pesquisa no campo da História da Literatura que “teve seu nascimento no século XIX, quando dois fatores se associaram – o espírito científico e a história” (MOREIRA, 2000, p. 175) e que sofreu mudanças ao longo do tempo, tendo em vista que “hoje, torna-se claro que um novo começo para a História da Literatura pressuporia uma série de discussões, respostas e soluções que não podem ser dadas pelos Estudos Literários sozinhos” (GUMBRECHT, 2010, p. 73). Dessa forma, com o propósito de valorizar a amplitude desta área, buscamos contribuir com o estudo

da história e da literatura em conjunto, além de apresentarmos mais uma perspectiva de leitura sob a obra específica de Erico Verissimo, sabido de sua vasta produção.

Devido às particularidades desse campo, quais sejam: rearranjar os fatos históricos de maneira a encontrar significado; diferenciar fundamentalmente, enquanto história, a narrativa; ou proporcionar interpretação do passado, que “não é de todo inventado” (MOREIRA, 2000, p. 180) entendemos que essa ciência pode ser aplicada no estudo dos textos históricos e narrativos. Entretanto, deve estar claro que “enquanto história, a narrativa difere fundamentalmente da ficção, por que na construção do romance o enredo prevalece sobre a história” (idem, p. 179), sendo que esta é utilizada como âncora para que aja o romance de caráter histórico.

Para a discussão do tema proposto, dividimos o trabalho em quatro partes, sendo: 1ª) *O tempo e o vento* – “Ana Terra”; 2ª) A historicidade do estudo acerca do tempo; 3ª) Os tempos em Ana Terra – a memória; e 4ª) tempo do narrador e da história para então chegarmos às considerações finais.

## **2. *O tempo e o vento* – “Ana Terra”**

Conhecido como “contador de histórias”, Verissimo escreve *O tempo e o vento* na linha tênue que conecta a literatura e a história, de tal maneira, que o entrecruzamento entre as ciências faz com que sua obra adquira um caráter de história ficcionalizada.

Nesse sentido, as análises do entrecruzamento da história e da ficção que vamos esboçar remetem a uma teoria ampliada da recepção, da qual o ato de leitura é o momento fenomenológico. E nessa teoria ampliada da leitura que se dá a inversão, da divergência para a convergência, entre a narrativa histórica e a narrativa de ficção (RICOUER, 2010, p. 311).

Por certo, o processo de leitura está diretamente ligado com a confusão que o leitor faz com a própria história, visto que o mesmo encontra-se envolvido no processo de construção do entendimento e apreensão do enredo. Podemos elencar três fatores que colaboram no conflito desse entrecruzamento em nosso *corpus*: o uso do discurso indireto livre, a utilização da técnica contraponto e a construção da personalidade narrativa das personagens. O primeiro deve-se a *voz* do narrador que se confunde com a fala da personagem, e que esclareceremos mais à frente, na análise propriamente dita.

O segundo fator de confusão está no uso do *contraponto*. Essa técnica, originária da música, trazida e proposta na literatura por Aldous Huxley no seu romance *Ponto contra ponto* (1928), encontra-se presente em todo *O tempo e o vento*. Tal aproximação da narrativa com a música materializa-se, visto que “para narrar – e também para criar musicalmente – precisamos do tempo. Mas somente a narrativa e a criação musical possibilitam divisá-lo em formas determinadas” (NUNES, 2008, p. 6). Utilizada por Erico Verissimo, identificamo-la seja no vaivém dos capítulos com o mesmo título; nas histórias das famílias que se entrecruzam; nas personagens que recebem o nome de seus ancestrais; e principalmente no que concerne aos tempos, regentes do narrar, os quais aprofundaremos adiante.

Também a construção da personagem favorece o conflito. “Dos teóricos conhecidos, Aristóteles é o primeiro a tocar nesse problema” (BRAIT, 2004, p. 28), pois ao revisitarmos *A poética* e o conceito de *mimesis*, percebe-se que a personagem seria a imitação da pessoa real dentro do universo fictício, e essa condição possibilita ao leitor identificá-la como verdadeira, logo, real.

Apesar de os “aspectos diretamente ligados ao romance e a personagem de ficção” (idem, p. 40) serem pensados de forma relacionada apenas na década de 1920, por E. M. Foster, segundo a interpretação de Brait (2004), que “encara a intriga a história e a personagem como os três elementos estruturais essenciais ao romance” (idem, p. 40) neste gênero, ao assumir um caráter histórico ficcional, a personagem em especial garante a historicidade do enredo através do tempo da memória.

De acordo com o prefácio d’*O continente*, de autoria de Regina Zillberman, há diversas maneiras de apreciar o romance de Erico Verissimo. Destas, destacamos duas, por haver contribuição direta da personagem a qual voltamos nossa pesquisa, a que passamos a introduzir a partir de agora:

Uma primeira maneira diz respeito à abordagem da história do Rio Grande do Sul. Guerras abrem e fecham a obra narrando as façanhas e conquistas do Sul, bem como o processo de ocupação do território e de instalação de uma sociedade civil. (...) Uma segunda maneira de entender *O continente* diz respeito à formação da classe dominante no Rio Grande do Sul. Erico Verissimo atribui-lhe uma origem entre os primeiros habitantes da região, os índios guaranis (ZILBERMAN, 2004, p. 13).

Para este estudo, escolhemos trabalhar com a primeira parte da trilogia, cuja ação vai do ano de 1745 a 1895 e dá início a uma reflexão acerca da constituição do atual Rio Grande do Sul e da busca por sua identidade. Nos capítulos que vem e vão entre o passado nas Missões Jesuíticas e a fundação de Santa Fé, e o tempo presente vivido no Sobrado, são-nos apresentados personagens marcantes, sendo eles:

Pedro Missioneiro com seus enigmas jamais desvendados, Ana Terra com sua coragem surpreendente, o sedutor Capitão Rodrigo Cambará, a insistente Bibiana, Luzia com suas obstinações e o meticuloso médico Carl Winter, que a tudo observa (VERISSIMO, 2004, p. 14).

Apesar da personalidade forte das personagens femininas, as duas histórias que sustentam a narração d'*O continente* são lideradas por homens. De um lado, está Licurgo Terra e do outro o capitão Rodrigo Cambará, porém não são essas as personagens que detêm o comando no enredo. Embora ainda persista a ideia de uma sociedade machista, são as mulheres que têm o seu espaço fortalecido em *O tempo e o vento*, visto que “por trás dessas senhoras estão várias outras, enlutadas por efeito das guerras que devastam a região e devoram seus homens, sendo que as vozes delas se manifestam principalmente nos trechos intermediário” (ZILBERMAN, 2004, p. 14), conforme aponta Zilberman.

Dentre todas, optamos por aprofundar nossa pesquisa na personagem Ana Terra devido à sua singularidade narrativa, conferida por Erico Verissimo à sua personalidade. Ana é primogênita de uma geração de mulheres e nela o autor tece e trabalha com propriedade os anseios, sentimentos e as verdades, criando, portanto, uma personagem modelada, dotada de densidade psicológica, com capacidade de alterar o seu comportamento frente às adversidades e, por conseguinte, de evoluir numa crescente ao longo da narrativa. Ana também é *referencial*, pois, segundo a visão de Philippe Hamon – e interpretada por Beth Brait – a construção de sua personalidade narrativa resulta em personagens chamadas de históricas, já que

Essa espécie de personagem está imobilizada em uma cultura e sua apreensão e reconhecimento dependem do grau de participação do leitor nessa cultura. Tal condição assegura o efeito do real e contribui para que essa espécie de personagem seja designada *herói* (BRAIT, 2004, p. 41).

A partir dessas considerações, com as implicações de *modelada e referencial*, a importância de Ana Terra no desenvolvimento da narrativa torna-se clara. Também no que concerne ao entrecruzamento da história e da ficção, ela contribui diretamente na construção do enredo da história ficcionalizada, logo, na confusão do leitor com o real e o fictício, o histórico e o imaginário.

Para o entendimento de como o autor ficcionaliza o tema de formação do Rio Grande do Sul – sem deixar de ser histórico – contextualizamos o momento da produção de *O continente* e observamos que o país vivia um momento de redefinição e redescoberta, em pleno fim do Estado Novo, bem como acarretando as consequências de eventos internacionais, como é o caso da Segunda Guerra Mundial e o começo da Guerra Fria. É perceptível em Erico Verissimo a preocupação com a definição de fronteiras e, ao mesmo tempo, com a violência perturbadora do momento político sulino, preocupação essa norteadada pelos trajetos de suas personagens, como o próprio contador de história nos afirma:

Ao escrever *O Continente*, o que a princípio me parecera um obstáculo, isto é, a falta de documentos de um maior conhecimento dos primeiros anos de vida do Rio Grande do Sul, tinha na realidade sido uma vantagem. Era como se eu estivesse dentro de um avião que voava a grande altura: podia ter uma visão do conjunto, discernia os contornos do Continente. Viajava num país sem mapas, e outra bússola não possuía além de minha intuição de romancista. E isso fora bom (VERISSIMO, 2004, p. 410).

Compete a nós, portanto, retomar que “não cabe a narrativa poética reproduzir o que existe, mas compor as suas possibilidades” (BRAIT, 2004. p. 31), e esse fator deixa o autor livre da responsabilidade de ser fiel na reconstrução, obedecendo apenas à verossimilhança interna da obra, diferentemente do historiador, que está preso a métodos próprios de pesquisa. Da distinção entre o seu papel e o do romancista, em um aspecto, igualam-se, pois, ambos trabalham com uma parcela de verdade. Dessa forma,

A mesma obra pode, portanto, ser um grande livro de história e um admirável romance. O incrível é que esse entrelaçamento da ficção à história não enfraquece o projeto de representância desta última, mas contribui para realizá-lo (RICOUER, 2010, p. 318).

Tal contribuição acontece justamente pelos empréstimos de fatos da história para garantir a verossimilhança do enredo, bem como, por meio dos instrumentos da ficção a história pode ser contada e difundida nas diversas esferas sociais. De acordo com Adonias Aguiar Filho, “o romance urbano (...) merece análise atenta, o que também acontece com o do extremo sul, via Erico Verissimo” (AGUIAR FILHO 1969, p. 147). O crítico aponta três momentos verificados na ficção do escritor, são eles: “a vida, a realidade, a rerepresentação” (idem, p. 147), para os quais atentaremos, de maneira a discutir e problematizar a temporalidade constituinte da obra de Verissimo, categoria narrativa essa representada teoricamente pelo que Paul Ricoeur chama de: tempo da memória, do narrado (a história) e o do narrador, consecutivamente.

Ao instaurar um estudo no exato ponto onde história e literatura tornam-se narrativa, as dificuldades encontradas devem-se, essencialmente, à impossibilidade de se definirem as questões que estão relacionadas a cada área. Assim, localizamos no tempo do narrador, o elo responsável pela ligação entre ambas, em que por meio dessa relação chegamos enfim à narrativa histórica ficcionalizada.

Por emprendermos nosso estudo em linhas tênues, regidas pelo tempo da memória, é aconselhável que haja um distanciamento seguro do autor da obra, já que “entrar na leitura é incluir no pacto entre o leitor e o autor a crença de que os acontecimentos narrados pela voz narrativa pertencem ao passado dessa voz” (RICOEUR, 2010, p. 325), e não a do escritor propriamente dito. Tais questões são pensadas em conjunto com as das teorias da narrativa, e isso nos proporciona a compreensão por diversas faces de uma mesma obra, que abrangem desde a linguagem até mesmo o cenário, passa pelas personagens e o espaço, e chega ao tempo, nosso objeto de estudo em questão.

### **3. A historicidade do estudo acerca do tempo**

Antes de qualquer hipótese de reflexão acerca do *tempo* ser levantada, de fato, temos uma compreensão prévia do que ele significa da mesma maneira como saberíamos conceituar outros temas triviais. Ocorre, porém, que ao verificarmos a abrangência do estudo que permeia essa temática, que é de ordem filosófica, experienciamos a perplexidade. “As coisas se embaralham porque não podemos enfaixá-lo num conceito único” (NUNES, 2008, p. 23). A dicotomia entre o tempo

físico e o psicológico, do cronológico ao histórico, do linguístico ao verbal, tal pluralidade nos confunde.

Como dissemos anteriormente, os tempos dialogam entre si através de cessões uns dos outros. Quando tratamos do tempo na relação: história – ficção, a “estrutura fundamental, tanto ontológica como epistemológica, em virtude da qual a história e a ficção só concretizam suas respectivas intencionalidades tomando de empréstimo a intencionalidade da outra (RICOEUR, 2010, p. 311), percebemos haver um entrecruzamento desses tempos, pois pode ser visto como um novelo de lã, o jogo entre os tempos tem sempre um fio condutor. Dessa forma, ao pensarmos na narrativa “Ana Terra” devemos colocar no início de tudo o autor Erico Verissimo, que através da sua perspectiva acerca do desenvolvimento do Estado do Rio Grande do Sul, em seu tempo histórico (o momento em que produz a obra), cria toda uma atmosfera narrativa por meio da qual o enredo pode ser contado. Basicamente pelo fato de a trama não ser o dado fato e fugir do âmbito da realidade, pertencente agora ao da ficção, já não poderíamos conceituá-lo como real, além disso, é uma apresentação da visão do escritor. Portanto, a história está ficcionalizada através da narrativa e apresenta uma possibilidade de verdade e interpretação.

Assim como a história, o tempo designa um singular coletivo, de forma que desse tema, abre-se um leque de possibilidades de pesquisas. Para estreitar nosso estudo, levantamos alguns dos teóricos da filosofia que dedicaram seus estudos na relação do tempo com a narrativa. Por seu caráter denso, os trabalhos a seu respeito chegam à contemporaneidade sem que se tenham esgotado as inúmeras possibilidades de contemplá-lo. Iniciado por Platão (428 a.C - 348 a.C) em *A república* (1985), principalmente nos livros III e X, verificamos além da intenção de delimitar a poesia e a prosa perfeitas, a recorrente preocupação com a ‘duração’ das obras, e nisso verificamos o tempo. Pouco mais adiante temos Aristóteles (384 a.C.- 322 a.C.), com sua obra *Poética* (1966) e sua retórica sobre os elementos da narrativa, que além do tempo abrange a personagem.

O filósofo Santo Agostinho (354-430) discorre sobre a experiência do tempo em *Confissões* (397-398), obra autobiográfica que em nada deixa a desejar para ser filosófica. No Livro X, o filósofo escreve sobre a memória e suas atribuições. Enquanto

no Livro XI, Agostinho fala sobre a criação, sobre o tempo e da noção psicológica que se tem deste.

Avançando, temos em destaque o filósofo alemão Martin Heidegger (1889-1976), que contribui com a publicação de *Conceito de tempo em historiografia* (1914) e *Ser e tempo* (1924). Por essas duas obras, Heidegger acabou tornando-se referência para diversos teóricos posteriores.

Diferente dos mencionados, sem a clara intenção de teorizar o tempo, há o alemão, radicado nos Estados Unidos da América, Hans Ulrich Gumbrecht (1948) e seu livro *Em 1926 - vivendo no limite do tempo* (1997), por meio da narrativa, cria a sensação de ‘estar em 1926’, e seu leitor é convidado a iniciar sua leitura em qualquer ponto do livro e seguir as várias referências cruzadas até onde elas o levarem.

Temos ainda o filósofo francês Paul Ricoeur (1913-2005) e sua obra *Tempo e narrativa* (1983) e *História, memória e esquecimento* (2007), que destacam as proximidades entre a temporalidade da historiografia e aquela do discurso literário. Das reflexões de Ricoeur e por meio de suas obras, podemos verificar o *link* que conecta a ponderação filosófica sobre a narrativa com o ponto de vista linguístico e poético.

Contemporâneo ao anterior está o brasileiro Benedito Costa Nunes (1929-2011), que no livro *O tempo na narrativa* (1988), aborda os aspectos da experiência do tempo através de sua interpretação acerca dos diversos teóricos que foram citados anteriormente, porém com nova roupagem e entendimento. Poderíamos ainda pontuar Kant, Husserl e Krzystof Pomiam.

Se recorrermos à consulta de um dicionário qualquer, verificaremos que o léxico ‘tempo’ apresenta 21 definições e uma diversidade de possibilidades de seu uso. Porém, ao tratarmos do tempo na narrativa, reduziremos as significâncias e de forma alguma estaremos próximos aos trabalhos de pesquisa e reflexões de Paul Ricoeur e Bendito Nunes. A pesquisadora Maria Eunice Moreira, em *História da Literatura: de onde vem e o que é?*, afirma-nos que o tempo, a narrativa e o herói, “reforçam o caráter narrativo da história da literatura, porque ilustram que ela é mais narrativa e menos história” (MOREIRA, 2000, p. 178). Devemos saber claramente que a narrativa, apesar de se utilizar de elementos da história, é inventada em sua totalidade. Por outro lado, não é totalmente ficcional, mas apresenta uma face de verdade da história, seja ela inventada ou recriada, pois seus fatos passam por uma análise crítica do escritor, que seleciona o

que deve ou não ser acolhido pelo narrador numa determinada faixa cronológica. Dessa forma, “a fenomenologia do tempo continuará sendo a medida comum sem a qual a relação entre ficção e história” (RICOEUR, 2010, p. 170) tornar-se-ia totalmente sem solução.

Para elucidar tal relação e sua possibilidade, tomaremos como ponto de partida os tempos que Ricoeur diferencia em *Tempo e narrativa*: tempo da memória, do narrado e do narrador. Para o filósofo, na narrativa de ordem histórica “identificamos o problema da *referência cruzada* entre história e ficção, e admitimos que o tempo humano procedesse desse entrecruzamento no meio do agir e do sofrer” (idem, p. 169).

Sendo assim, por *tempo da memória* entende-se aquele que “outrora do passado rememorado inscreve-se doravante no interior do ‘antes que’ do passado datado” (RICOEUR, 2007 p. 164) e, na narrativa, relaciona-se diretamente às recordações. Esse tempo colabora diretamente com o leitor ao retomar fatos vividos, tanto históricos quanto da personagem, de forma a contribuir com o entendimento do enredo.

Já o *tempo do narrado*, ou tempo humano, surge das trocas que permitem que haja ficção através da história e história por meio da ficção. “Remete a uma hermenêutica da consciência histórica, ou seja, a uma interpretação da relação que a narrativa histórica e a narrativa ficcional” (RICOEUR, 2010, p. 174) tomadas em conjunto, faz permanecer de cada um de nós, a história efetiva, como agentes e pacientes. O tempo do narrado pertence ao que é contado.

O *tempo do narrador*, como se presume, é próprio daquele que narra a história ficcionalizada. Esse tempo pode estar paralelo ao do tempo do narrado, se o narrador for apenas observador, ou interno ao tempo do narrado, caso este seja personagem; visto que ambos pertencem ao âmbito da narrativa e são criados pelo autor, para que por meio deles, a narrativa possa ser contada.

Conforme mencionamos, tomamos como base para a análise de “Ana Terra” os estudos de Paul Ricoeur e Benedito Nunes, visto que ambos tratam com proximidade a problemática dessa pesquisa, apesar das diversas possibilidades de escolha teórica que estudam a questão do tempo.

#### **4. Os tempos em “Ana Terra” – A memória**

A narrativa do capítulo “Ana Terra” ocorre no período de 1777 a 1811. A personagem de nosso estudo enfrenta, logo no início, as consequências do amor que sente por Pedro, o índio Missioneiro do qual engravida. Após os irmãos, por ordens do pai e em nome da honra, assassinarem o índio e Ana cuidar sozinha do filho, que recebera o nome do pai morto, a jovem torna-se a matriarca da família Terra logo que acontece uma invasão dos Castelhanos na casa em que morava com o filho. Os irmãos e o pai são mortos, mas Ana Terra tem a missão de cuidar do filho e da cunhada, a pouca família que lhe resta. Tendo a força como aliada, conforme o próprio sobrenome já indica, Ana aceita o convite de viajantes e os acompanha para a fundação do povoado de Santa Fé. Ao sair com a família de sua *querência*, ela adota outra terra por lar. O desenrolar desses fatos são expostos através de um narrador onipresente, a partir do uso dos tempos mencionados: o da memória, o da história e o do narrado.

O primeiro, dentre os três abordados que identificamos logo no início do enredo, é o *tempo da memória*, que pode ser discutido se considerado alguns fatores, dentre eles: a linguagem, a construção da personalidade, a simbologia do vento e do espaço, e ainda pelas relações familiares que remetem à herança memorialística. As ações deste tempo são-nos informadas através de discurso indireto e de indireto livre e ainda por meio de advérbios. Através desses elementos presentes na linguagem do romance somos levados para o interior das lembranças de Ana Terra, como temos em:

“Sempre que me acontece alguma coisa importante, está ventando”, costumava dizer Ana Terra. Mas, em todos os dias ventosos de sua vida, havia um que ficara para sempre na memória, pois o que acontecera nele tivera a sorte de mudar-lhe a sorte por completo (VERISSIMO, 2004, p. 102).

O discurso indireto referido em “*sempre que me acontece alguma coisa importante, está ventando*”, apontado pelo narrador, informa que existe uma certa recorrência da personagem em relacionar os acontecimentos presentes com eventos passados. Além do indireto, há o indireto livre, em que a memória da personagem é mesclada com a do narrador. Isso se mostra quando, na narrativa, não identificamos quem realiza as perguntas de como aconteceu um fato que a personagem está recordando: “Em que dia da semana teria aquilo acontecido? Em que mês? Em que ano? Bom, devia ter sido em 1777” (idem, p. 102). Assim, durante a construção do enredo, é importante que este detalhe seja percebido, de forma que a apreensão contribua para

darmos sentido às recordações da própria Ana Terra, bem como percebermos quando as lembranças são do imaginário coletivo e de que maneira aparecem na trama.

Quanto ao uso de advérbios, reconhecemos, ao longo da narrativa, marcas que afirmam tal pertencimento ao âmbito da memória de Ana Terra. A recorrência do advérbio *sempre*, no trecho mencionado, permite-nos inferir que questões importantes para a jovem já aconteceram em seu passado e o vento lhe fora recorrentemente um aliado. A ideia da forte presença do vento também é enfatizada através da construção *todos os dias* e ainda reforçada pelo uso do próprio léxico *memória*.

Outro fator, que colabora no entendimento da construção memorialística pertencente à Ana Terra, faz relação ao cenário em que a personagem está inserida. As cenas que se passam na sanga, e mais tarde na casa em Santa Fé, na maioria das vezes, são conduzidas pelas lembranças, voltando-se a um passado que nos permite saber do seu anseio em retornar à cidade ou da sua satisfação de estar em paz. Com o passar do tempo cronológico no enredo, encontramos ações que aconteceram na própria trajetória da personagem e que são recordadas por meio da memória, pois “durante todo o tempo que passava junto da sanga, a lembrança de Pedro permanecia com ela” (VERISSIMO, 2004, p. 143). Assim sendo, o (re)memoramento interno da obra, pode ser utilizado numa espécie de contraponto, que o faz retomar aos episódios já passados e com isso compreender aquilo que o atual significa em sua totalidade.

As distinções do tempo passado nos indicam o que está sendo recordado, de maneira que não se perca o elo entre a memória narrativa e a história, dentre os diversos exemplos temos:

Anos depois, sempre que pensava nas coisas acontecidas nos dias que se seguiram à entrada de Pedro naquela casa, Ana Terra nunca chegava a lembrar-se com clareza da maneira como aquele forasteiro conseguira conquistar a confiança de seu pai (VERISSIMO, 2004, p. 114).

Através desse tipo de construção linguística no pretérito sabemos que a recordação da personagem retorna ao início do enredo do capítulo de Ana Terra, *corpus* de nossa pesquisa, e entendemos que o tempo presente está claro através das construções *anos depois*, ou, *que pensava nas coisas acontecidas* que nos remetem às recordações da chegada de Pedro Missioneiro ao rancho. Paul Ricoeur em *Memória, história e esquecimento* (2007) nos diz que “é principalmente na narrativa que se

articulam as lembranças no plural e a memória no singular” (RICOEUR, 2007, p. 108), só assim é possível que a personagem retroceda por meio de estímulos externos, visto que o processo de recordação nem sempre parte diretamente da personagem em questão, pois “às vezes a música se parecia com as que [...] costumava ouvir na igreja de Sorocaba” (VERISSIMO, 2004, p. 119) e isso lhe lembrava de quando vivera em São Paulo. Essa memória, desencadeada pela canção, permite à personagem relacionar a mesma melodia a outro acontecimento, já que “dum momento para outro ficava diferente, lembrava uma toada que um dia ela ouvira um tropeiro assoviar ao trote do cavalo” (idem, p. 119). Importante ressaltar que “a memória individual não alcançaria o passado histórico se não a enriquecessem tradições” (RICOEUR, 2010, p. 29) de outras gerações, e até mesmo da própria história, de forma que seja possível interpretá-la.

Apesar de o tempo verbal contribuir para o limite da memória, outro ponto de vista nos sugere que “os tempos que regem o narrar [...] não teriam nenhuma função propriamente temporal, serviriam para advertir o leitor: isto é uma narrativa” (RICOEUR, 2010, p. 324). Para o entendimento do enredo, “a história contada entra sempre como posterior a esse presente da voz em ato” (idem, p. 24), e isso justifica o porquê a narrativa de memória recai invariavelmente nas construções no passado.

A personagem Ana Terra utiliza-se da memória para se lembrar de sua própria história, porque “ao se lembrar de algo, alguém se lembra de si” (RICOEUR, 2007, p. 107). O mesmo acontece quando sua mãe morre, para que a herança matriarcal não se perca. A partir da morte de D. Henriqueta torna-se perceptível que a personagem assume o lugar da mãe, e com isso, incorpora às suas atitudes o que a memória permite lhe lembrar mesmo sem tê-las vivenciado, mesmo que “não se [possa] transferir as lembranças de um para a memória do outro” (idem, p. 107), devido a lembrança ser coletiva e a memória individual. É ainda o tempo da memória que nos revela o amadurecimento da personagem ao longo da narrativa, comprovando a sua modelação, que iniciara através da violência e do estupro cometido pelos castelhanos que invadiram a sua casa.

Além de a jovem tomar para si as palavras da mãe: “Quem carrega peso na cabeça fica papudo” (VERISSIMO, 2004, p. 102) e “não há de ser nada, Deus é grande” (idem, p. 166), Ana Terra reflete a memória narrativa, seja quando os bandidos estão para invadir a casa em que vivem e ela protege o filho e a cunhada dizendo que se

escondessem no mato, o que a D. Henriqueta fizera inúmeras vezes com Ana no passado; ou da mesma forma como ela canta as canções que ouvira a mãe cantar. Portanto, as ações realizadas pela personagem deste estudo são representações às da mãe, que tem ligação com o passado. Assim

A sequência das gerações é simultaneamente um dado biológico, é uma prótese de lembrança (...). É sempre possível entender uma lembrança pela cadeia de memórias ancestrais, remontar o tempo prolongando pela imaginação esse movimento regressivo (RICOEUR, 2010, p. 314).

Ao assumir a posição matriarcal de D. Henriqueta, e recuperar memorialisticamente a figura materna, Ana Terra herda a missão da mãe, que era parteira, e isso fica claro por ela usar a tesoura que pertencera à sua antecessora, mesmo que no enredo não haja nenhuma passagem em que a senhora tivesse ensinado à filha. No decorrer das ações, após estarem instalados em Santa Fé, “Ana conservava sempre junto de si, à noite, a velha tesoura, pensando assim: Um dia ainda ela vai ter a sua serventia” (VERISSIMO, 2004, p. 174), tanto pelo instinto de proteção quanto com a responsabilidade da missão herdada, como é indicado no trecho:

Aqueles foram tempos de grande paz. Muitas vezes por ano Ana Terra saía apressada sob a luz do sol ou à luz das estrelas com a tesoura debaixo do braço. E gente nascia, morria ou se casava em Santa Fé. O número de casas aumentava e a população já se habituava à voz do sino da capela (idem, p. 186).

A recorrência das demonstrações da herança confere à Ana Terra o papel de matriarca das gerações futuras. Este ‘assumir’ possibilita que a ciclicidade permaneça intacta, e essa mesma ciclicidade é percebida pela memória, que é de Ana, e pela lembrança, que, coletiva, pertence a todos ao seu redor.

## **5. Tempo do narrador e da história**

Como vimos, no enredo, o tempo da memória permite o (re)memoramento tanto da história da personagem Ana Terra, quanto do tempo dos fatos históricos, sejam eles: a cultura, as referências aos tropeiros e bandeirantes e principalmente a guerra. Entretanto, a relação entre memória e história só é possível por meio do narrador que, em “Ana Terra”, é onisciente e onipresente, portanto, paralelo ao tempo do narrado.

O tempo do narrador percorre o ficcional e insere neste o que há de referencial para que não se perca a historicidade da trama. Os eventos históricos que foram eleitos por Erico Verissimo não se encontram distribuídos durante o enredo de forma aleatória, eles significam em relação às personagens, pois suas realidades estão atreladas a tais fatos, tendo esses a função de situar o contexto histórico, quanto servir de ancoragem para a narrativa. A partir dessa consideração, é evidente que a construção da personalidade de Ana Terra só significa se a pensarmos vinculada ao histórico em que ela foi inserida por meio do ficcional. Sem os rumores de guerra e invasões de territórios, desde os momentos iniciais da trama ainda na beira da água da sanga, não haveria condições para que sua singularidade narrativa fosse desenvolvida.

Em “Ana Terra” os acontecimentos históricos que encontramos abrangem questões de ordem nacional e proporcionam uma visão ampla acerca do estado de espírito da nação que acaba por dar o ‘tom’ de alerta e guerra, visto a cronologia da obra comunica “1789 – Tomada da Bastilha, em Paris. Começa a Revolução Francesa. No Brasil, a Inconfidência Mineira” (VERISSIMO, 2004, p. 388), enquanto que na ficção os bandidos castelhanos arrasam propriedades e prenunciam as lutas pelo território das missões. Atendo-se aos episódios de ordem nacional temos, por exemplo, a mudança da família real para o Brasil:

Bibiana tinha já quase três anos quando certo dia um tropeiro chegado do Rio Pardo contou a Pedro que havia grandes novidades no Rio de Janeiro. A rainha e o príncipe regente tinham fugido de Portugal porque este país havia sido invadido pelos franceses... ou ingleses, ele não sabia ao certo; mas a verdade era que a família real já estava no Brasil. No Rio Pardo todos achavam que as coisas iam mudar para melhor (VERISSIMO, 2004, p. 186).

Além desse caso, que abarca o contexto nacional, diversos outros focalizam e remetem aos referentes históricos que são particulares da, então, Capitania de São Pedro. Quanto a estes referentes, encontramos-os desde os diversos nomes que o atual Rio Grande do Sul recebeu, como os motivos que levaram às lutas, seja pela defesa de território e definição de fronteiras ou mesmo pela formação de identidade. Nas *peleias* o narrador legitima a historicidade do enredo ao abordar os motivos da luta simultaneamente ao contexto histórico, como temos no trecho que antecede a invasão dos Castelhanos:

Dias depois o coronel Ricardo apareceu montado no seu cavalo – agora um tordilho – e expôs a situação. Chegara à sua estância um próprio fazendo um ofício em que o governador do Continente lhe comunicava que na Europa, Portugal e Espanha estavam de novo em guerra.

– Isso significa – explicou ele – que temos de pelear de novo com os castelhanos (VERISSIMO, 2004, p. 177).

Além dessa interrelação, há ainda a inserção de figuras e espaços marcantes da história, que mesmo reais são colocadas lado a lado no enredo com as ficcionais. Tais personalidades históricas são acompanhadas com as datas documentadas, que ancoram e situa a ação específica da narrativa:

Foi no ano de 1811. Contava-se que na Banda Oriental havia barulho, porque os platinos queriam se ver livres da Espanha. Quem é que ia entender aquela confusão? Diziam também que d. Diogo de Souza, o comandante das forças portuguesas na Capitania do Rio Grande, estava acampado em Bagé com seus exércitos. Tudo indicava que estava preparando a invasão (VERISSIMO, 2004, p. 188).

Nesse trecho, temos d. Diogo de Souza e a cidade de Bagé, representada historicamente no enredo, fazendo referência direta ao real. Essa abordagem do ficcional inserido no histórico colabora para a autenticidade do enredo, confirmando o seu caráter histórico que é evidenciado e elucidado ao final do volume, onde se encontra uma cronologia que afirma: “Esta cronologia relaciona fatos históricos e acontecimentos ficcionais dos dois volumes de *O continente* e dados biográficos de Erico Verissimo” (idem, p. 383). A possibilidade de o leitor visitar essa cronologia pode não interferir, em relação à compreensão da obra, porém serve-lhe de suporte para adentrar em detalhes de fatos que lhe sejam desconhecidos.

Ao retomar a função maior do narrador, que é conduzir o enredo, em “Ana Terra” é dele também a responsabilidade de mostrar o entrecruzamento através da “refiguração do tempo pela história e pela ficção” (RICOEUR, 2010, p. 173) de forma que podemos compreender que este romance histórico ficcional “se concretiza por meio dos empréstimos que cada modo narrativo toma do outro” (idem, p. 173). Pelo tempo do narrador os recursos da narrativa, que ficcionalizam a história, são inseridos e acontecem por meio da linguagem e “remete o imaginário coletivo” (RICOEUR, 2010, p. 173), assim a reconstituição da história em *O tempo e o vento* acontece porque ao

autor é permitido trabalhar com dois registros, na encontro da História e da ficção ao mesmo tempo.

Esse narrar simultâneo é confirmado pela cronologia: em 1801 a informação histórica de que “o território das missões é conquistado definitivamente pelos portugueses” (Verissimo, 2004, p. 188), enquanto que no âmbito da ficção temos o registro do que aconteceu com uma das personagens, “nessas novas lutas morre o cel. Ricardo Amaral” (idem, p. 188) em decorrência da luta pela terra. Para que o narrador possa realizar o entrecruzamento de ambos os domínios, não apenas a personagem Ana Terra é construída, mas todos os elementos convergem para que se estabeleça o romance sob o argumento histórico, sem que o *link* do tempo histórico com o ficcional acabe por perder “a *significância* de que reveste a narrativa de ficção” no momento em que “a *leitura* relaciona o mundo do texto com o mundo do leitor” (RICOEUR, 2010, p. 236), que resulta numa espécie de familiarização do leitor com o enredo,

Para reforçar o caráter histórico ficcional, o jogo entre o real e o imaginário, bem como a construção mimética da personagem Ana Terra, acabam por tornar o capítulo “Ana Terra” um marco que evidencia a proposta diferenciada de Erico Verissimo, que, ao confessar-se em *Solo de Clarineta* (1973), seu livro de memórias, deixa claro que o engajamento para a escrita da trilogia devia-se ao amor pelo seu *Pago*, que é o Rio Grande do Sul inteiro.

## 6. Considerações Finais

No início deste artigo nos propomos a refletir se havia unicidade do tempo na obra “Ana Terra”, tanto pelo lado da narrativa quanto da ficção de caráter histórico. Tal reflexão foi permeada pelos teóricos Benedito Nunes e Paul Ricoeur, que, com suas contribuições, possibilitaram-nos perceber que há refiguração do tempo por meios dos empréstimos da ficção para o histórico e vice-versa. Esse jogo entre os tempos ampliou os horizontes dessa pesquisa, de forma que abordamos a construção da singular personagem Ana Terra, bem como as técnicas narrativas eleitas por Erico Verissimo para caracterizarem o seu romance de cunho histórico, quais sejam: o contraponto, o uso dos discursos indireto e direto livre, e a recorrência dos advérbios, indicando-nos a ciclicidade do tempo.

Para que fosse possível traçar o percurso deste trabalho, inicialmente apresentamos o que distingue e o que se assemelha entre narrativa histórica e narrativa ficcional no que diz respeito ao tempo, sob a perspectiva dos filósofos Benedito Nunes, em *O tempo na narrativa* (1988), e Paul Ricoeur (2007) e (2010) em *A história, a memória e o esquecimento* e *Tempo e narrativa*, respectivamente. Com o propósito de conduzir nossa pesquisa além da dicotomia do real e irreal, passamos pela “mediação que a leitura opera entre o mundo fictício do texto e o mundo efetivo do leitor. Os efeitos de ficção, efeitos de revelação e de transformação”, (RICOEUR, 2010, p. 172) que são essencialmente efeitos de leitura, tratados por Hans Robert Jauss em *Uma história da literatura como provocação à teoria literária* (1988). Após percorrermos esses caminhos, chegamos ao nosso objeto de pesquisa em questão: as relações entre os tempos da narrativa, da memória e da história, quando presumimos haver suporte para compreender e analisar de que forma um tempo faz sentido por meio da colaboração de outro. De maneira a conduzir nossa reflexão, separamos nossa pesquisa em subtemas, quais sejam: *No tempo, pelo vento* em que contextualizamos a produção de *O tempo e o vento* e apresentamos nossa intenção de pesquisa; enquanto que em *O tempo e o vento – “Ana Terra”*, discorremos sobre a personalidade narrativa de Ana Terra; *A historicidade do estudo acerca do tempo* em que levantamos alguns filósofos, desde Aristóteles, que se preocuparam com o entendimento do tempo dentro do enredo narrativo, oportunidade em que apontamos e discutimos a fim de delimitar a memória, a história e o narrado, segundo nossa leitura de Ricoeur. A análise dos tempos, diretamente relacionados à narrativa de “Ana Terra”, é enfatizada na última parte de nossa pesquisa em *Os tempos em Ana Terra – a memória e tempo do narrador e da história*.

De forma geral, encontramos no livro de Maria Teresa de Freitas *Literatura história: o romance revolucionário de André Malraux* (1986), o que confirma a produção de “Ana Terra” como o romance que “se refere a um fato histórico reconhecível, cuja existência está atestada por documentos. O universo romanesco se insere num universo referencial autônomo, isto é, uma existência concreta na realidade exterior ao texto” (FREITAS, 1986, p. 09). Em síntese, temos a história que é contada (tempo do narrado) por meio do narrador onisciente (tempo do narrador), através das memórias de Ana Terra (tempo da memória), o que resulta na história do Rio Grande do

Sul ficcionalizada e que encontramos em toda a extensão da obra *O tempo e o vento*, da qual recortamos para estudo “Ana Terra”.

A junção dos três tempos abordados possibilita-nos romper silêncios de forma a evidenciar ecos de uma história de luta do estado Sulino, por muitos já esquecida e por outros desconhecida, seja pontualmente na luta pelo território (Revolução Farroupilha) ou mesmo em relação aos hábitos culturais, os quais encontramos ao longo da narrativa. O enredo d “Ana Terra” permite-nos a volta ao passado histórico por meio da memória desta singular personagem, para que seja possível às atuais e futuras gerações compreender, com amplitude, como se configurou o atual Estado do Rio Grande do Sul, de maneira que o telurismo e o civismo sejam cultivados e as tradições, tão particulares e significativas, sejam reavivadas em louvor ao passado de lutas pelo próprio chão.

## Referências

AGUIAR FILHO, Adonias. *O romance brasileiro de 30*. Rio de Janeiro: Bloch, 1969.

ARISTÓTELES. *Poética*. Porto Alegre: Globo, 1966.

BRAIT, Beth. *A personagem*. 7 ed. São Paulo: Ática, 2004.

FREITAS, Maria Teresa de. *Literatura e História - O Romance Revolucionário de André Malraux*. São Paulo: Atual, 1986.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. Devemos continuar escrevendo histórias da literatura? Trad. Daniela Silva da Silva e Pedro Mandagará. In: PIZARRO, Ana [et al]. *Histórias da literatura: teorias e perspectivas*. Maria Eunice Moreira (Org.). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação a teoria literária*. São Paulo: Ática, 1998.

LEITE, Ligia Moraes. *Regionalismo e Modernismo: o caso Gaúcho*. São Paulo: Ática, 1978.

MOREIRA, M. E. História da literatura: de onde vem e o que é?. In: Rildo Cosson (Org.). *O presente e o futuro das Letras*. 1 ed. Pelotas/RS: Programa de Pós-Graduação em Letras ILA/UFPel, 2000. v. 1, p. 175-180.

NUNES, Benedito. *O tempo na narrativa*. 2 ed. São Paulo: Ática, 2008.

\_\_\_\_\_. Narrativa histórica e narrativa ficcional. In: RIEDEL, Dirce Côrtes. *Narrativa - Ficção e História*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1988. p. 09-31.

PLATÃO. *A república*. Tradutor: Elza Moreira Marcelina. Brasília: Universidade de Brasília, 1985.

RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa* - Tomo III. Tradução Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2010. 3v.

\_\_\_\_\_. O tempo histórico. In: RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: UNICAMP, 2007.

\_\_\_\_\_. O círculo entre narrativa e temporalidade. In: *Tempo e narrativa* – Tomo I. Tradução: Claudia Berliner São Paulo: Martins Fontes, 2010. 3v.

SILVA, Daniela Silva da. RICOEUR, Paul. O si-mesmo como um outro. Trad. Luci Moreira Cesar. Campinas: Papirus, 1991. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 43, n. 4, p. 99-112, out./dez. 2008.

VERISSIMO, Erico. Ana Terra. In: *O continente I*. 3 ed. O tempo e o vento. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. 7v.

ZILBERMANN, Regina. Um romance para todos os tempos. In: VERISSIMO, Erico. *O continente I*. 3 ed. O tempo e o vento. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. 7v.

## **TIME, MEMORY AND HISTORY: THE NARRATIVE EXPERIENCE IN ANA TERRA FROM ERICO VERISSIMO**

*“How time does not seem to move on while we wait!  
Especially when there is wind... it seems that the wind  
bends the time”*. (“Ana Terra”, The Time and the Wind)

### **ABSTRACT**

“Whenever something important happens, there is wind” . The quote from Érico Veríssimo’s novel belongs to the memory of Ana Terra and it is found in the first part of The Continent. Because of the narrative uniqueness attributed by Érico Veríssimo to the character Ana Terra, the chapter received its own book, through which we analyzed the experience of time, memory and history in the plot. Considering not only this data, but also the historical and fictional importance of the book, and therefore, the character, this study approaches the episode which reports Ana Terra path and her transformations. In order to engage in this study, we start from the bias of philosophy, aiming to conciliate the time and the mythical space, and the time and historical space, so as to be apart from the real/unreal dichotomy. Such linkages are going to be analyzed considering the theoretical premises from the field of Literature History, based on the

studies of Maria Eunice Moreira and Hans Uric Grumbrecht, and also Literature Theory through Hans Robert Jauss and Beth Brait. Regarding time, we highlight, in order to base our research, the philosophers Benedito Nunes and Paul Ricoeur, for treating with proximity the problematic of this research. In this sense we approach, mainly, the time of memory, of the narrated as well as of the narrator.

**Keywords:** narrative, memory, history, ana terra.

Recebido em 24/04/2014.

Aprovado em 23/05/2014.